



PEDRA DO DESTINO

A Pedra do Destino (em gaélico escocês, Clach-Na-Cinneamhain), também conhecida como Pedra de Scone, um bloco de arenito que mede 67x42x26,5 centímetros, pesa 152 quilos e é conservado atualmente no castelo de Edimburgo, capital da Escócia, sendo o objeto mais sagrado do imaginário nacional escocês por se terem coroado sobre ela os reis daquele país desde o século IX.

CRIAÇOM

José Manuel Nunes Vilar é um colaborador habitual do NOVAS DA GALIZA. Em 2009 publicou a escolma de relatos *Um País Oculto pelas Silveiras*, e em 2011 representou a AGAL no júri do I Concurso de Relatos Curtos "O Lugar Onde Vivo", organizado pola ADEGA. Os estaleiros de Ferrol ocupam desta volta os seus versos.

CINEMA

Goitik Behera, Behetik Gora é o título dum filme assinado pelo WeareQQ, grupo artístico composto pola vasca Usue Arrieta e o galego Vicente Vázquez. Umha mistura que se foi conjuntando e depurando, com éxitos e fracassos, segundo vai transcorrendo a sua filmografia. Umha acima e umha abaixo, umha procura vital e criativa que cristaliza na abordagem deste projeto.

GEOGRAFIA

Viagem ao princípio do mundo: Castro Leboireiro

Sabela Fernández

Conta a hidrografia a todos aqueles que gostam de ler mapas com veias azuis, que as águas do rio Laboreiro venhem desembocar no rio Lima, o Lethes grego ou o Leteu: o famoso rio do olvido que denominárom os romanos. Parafraseando livremente Ernesto Vázquez Souza, acho que qualquer viagem como galegos e galegas deveria conduzir-nos sempre aí, a atermo-nos a cruzar o rio do esquecimento e situarmo-nos sempre "à outra beira do Leteu".

Trespasar a raia da desmemória estabelecida e cruzar para a outra beira do Leteu para procurarmos a nossa história e a nossa língua, esquecida deliberadamente por alguns, é o que a Gentilha do Pichel e as suas comissions venhem fazendo desde há anos na quarta, quinta e sexta-feira, também. Mas como a língua também trabalha em domingo, umha expedição picheleira em outubro vermelho, foi vista no Google maps das serras da Peneda e Laboreiro, atravessando o túnel do tempo e cruzando, se nom o Leteu, sim o

seu afluente pequeno, o Laboreiro. Objetivo: remontar a épocas nom fronteiriças entre Entrimo e Castro Laboreiro quando a Galiza chegava até o Mondego e o castelo de Sam Rosendo ainda nom entendia de Estados e marcos.

Além de tempos pretéritos medievais, o planalto de Castro Laboreiro esconde, só para aqueles que o queiram achar, um dos conjuntos megalíticos mais importantes da Europa, um Carnac galaico com mais de 110 mamos e dólmenes: Nom é um acaso, pois, que o cineasta Manuel de Oliveira intitulasse o seu filme realizado quase íntegro nos vilarejos de Castro Laboreiro e protagonizado por Marcelo Mastroianni: "Viagem ao princípio do mundo".

E quanto a nós, no que di respeito à nossa iniciática viagem pola história e pola antropologia de Castro Laboreiro, impossível já falar das suas aldeias, sem mais. Os excecionais povoamentos seranos de Castro - as brandas e as inverneiras - levam implícita umha distinçom semántica que é de obrigado cumprimento assina-

lar. Que a gente do Castro tivesse um sistema de moradia alternada ao longo do ano é algo que as palavras "branda" e "inverneira", com as suas raízes lexicais, nos podem explicar, para assim entendermos, de vez, o carácter sazonal e rotatório que estas aldeias tinham para os seus moradores. As brandas, localizadas nos enclaves mais altos da montanha, eram aldeias frescas de verao (*bram*) e serviam para colheitar cereais e ter o gado a pastar em ricos lameiros. Em contraste, as inverneiras estavam para se refugiar no inverno nas zonas baixas do vale. Estes assentamentos de baixura e altura que semeiam a serra como megálitos modernos, constituem umha espécie de necrópole que algum dia um arqueólogo do futuro estudará: a maioria som hoje em dia aldeias fantasmas, outrora testemunhas privilegiadas do singular fenómeno da "muda", das batidas aos fugidos e dos contrabandos de mercadorias após a nossa Guerra incivil.

Umha guerra que levou, entre outros, o deputado galeguista Afonso Rios disfarçado de esmoleiro Senhor Afrónio a fugir precisamente por estas montanhas e ocultar-se na inverneira da Ameijoeira, que ele confundiu como galega por nom perceber diferença de sotaque galego nos camponeses dali. Menos mal que nessa guerra ratoeira a alguns ainda lhes ficou um bocadinho Portugal. Mas isso já é outro filme, e nesta terra chega com o realizador finlandês Aki Kaurismäki, habitante transumante da inverneira do Bico.

Toda esta viagem ao início do nosso mundo galaico e galego temperada com bacalhau com broa e uivada por lobos e latidos duns cans únicos em toda a Ibéria nom teria tido graça se nom tivesse sido explicada por Américo Rodrigues, o nosso particular Leonardo da Crasto, homem do renascimento, entusiasta divulgador da história, da arqueologia, dos cans da raça laboreiro e, com certeza, homem galego da Gallaecia; engraçadamente, o primeiro da sua turma de português quando estudante estava na escola em Braga.



Castro Leboireiro / Foto: A Gentilha do Pichel



EM TEMPOS

A Pedra do Destino e nós

Rubén Melide

Ao entrarmos na sala de sessões do Concelho da Corunha, encontramos unha serie de relevos contemporáneos que dam conta da historia da cidade, ainda que dumha perspectiva institucional e espanhola. Assim, se o primeiro episódio referido representa a mítica vitória de Hércules sobre o gigante Geriom, o último é a visita à cidade da rainha e do rei de Espanha em 1976.

Porém, umha das primeiras cenas refletidas – e com certeza umha das mais misteriosas e recuadas no tempo – é a que nos mostra quatro homens a carregarem com esforço umha grande lousa. Tratar-se-ia da chamada de *Pedra do Destino* (em gaélico escocês, *Clach-Na-Cinneamhain*), também conhecida como Pedra de Scone, um bloco de arenito que mede 67x42x26,5 centímetros, pesa 152 quilos e é conservado atualmente no castelo de Edimburgo, capital da Escócia, sendo o objeto mais sagrado do imaginário nacional escocês por se terem coroado sobre ela os reis daquele país desde o século IX.

Mas vamos por partes. As origens e o périplo da Pedra do Destino mergulham na noite dos tempos, gerando umha grande controvérsia. Para as épocas mais recentes, temos um roteiro mais ou menos certo. No entanto, nom podemos dizer o mesmo de momentos mais afastados, para os quais história e lenda se diluem umha na outra sem nos deixarem ronséis históricos claros.

A referência lendária mais longínqua é a que coloca a Pedra do Destino sob a cabeça de Jacob, pai das doze tribos de Israel, quando aquele sonhou da escada que conduzia para o céu, o que fijo com que a rocha recebesse o nome de *Pedra de Jacob*. A seguir, teria sido transportada para o Egipto, razom pola qual também ficaria conhecida como *lapidem Pharaonis*.

Reinar onde se encontrar a pedra

Os geólogos de hoje em dia situam a origem da Pedra na própria Escócia, concretamente na área de Scone, topónimo que, como vimos, a batizou. Contudo, o nome mais empregue e que aparece no título deste artigo, está bem mais vinculado à Galiza. Por palavras do historiador inglês Mark Guscin, o termo "Pedra do Destino" procede do



Réplica da Pedra de Scone, o mais sagrado objeto do imaginário nacional escocês



Mapa de 1654, onde a Irlanda ainda é denominada «Hibernia»

século XIX, embora faga referência a uns factos muito mais antigos. Quando o rei Milom deu a pedra ao seu filho Simom Brecc na cidade de Brigantium – a futura Corunha –, sentenciou: "a tua descendência irá reinar em qualquer parte onde se encontrar esta pedra". Polo seu lado, a *Crónica do Povo Escocês* de John Fordun, escrita em fins do século XIV, relata-nos a profecia em verso: "Se o destino nom falhar/ irám reinar os escoceses / onde quer que se encontrar esta pedra". O escritor edimburguês Walter Scott, de enorme transcendência e tido por muitos como o criador do romance histórico, também se refere em verso à rocha que nos ocupa.

Umha interessante referência galega a respeito da Pedra é-nos proporcionada polo jornalista do país Manuel Gago, especializado

em temas históricos e arqueológicos. Num seu artigo, Gago fala-nos do achádego dum livro intitulado –resumidamente– *Árbol Cronológico de la Provincia de Santiago*. Este volume, do ano de 1722, é obra do franciscano Jacobe de Castro (reparamos agora na recorrência do binómio *Pedra-Jacob*), e constitui um relato da açom da Ordem Franciscana na Galiza e dos problemas que esta enfrentava. Pois bem, o segundo capítulo do *Árbol Cronológico* leva por título *Provincia de Irlanda, hija de la de Santiago*, e relata a introdução da Ordem na Irlanda por parte dos franciscanos galegos. Para explicar as relações entre a Galiza, Escócia e Irlanda, o frade alude a um antigo mundo mítico e remonta aos tempos do rei Gatelo, chegado do Egipto à antedita cidade de Brigantium. Con-



A última coroaçom sobre a Pedra foi a da atual rainha Isabel II em 1953

ta-nos Castro que "para se fazer mais temido e respeitado, Gatelo fijo-se com umha grande pedra. Dizia que estava fadada polos deuses e que dela dependia a conservaçom da sua coroa. Com este motivo deu-lha ao seu filho Hybero quando este partiu com os galegos para povoar aquelas ilhas, às que pujo o seu nome: Hyberia ou Hybernia". Para além do evidente paralelismo com o irlandês *Lebor Gabála* de que saiu o nosso Breogám, é salientável a explicaçom etimológica que Castro nos oferece para o nome latino da Irlanda, que nom é outro que o de Hibernia. Aliás, a obra do franciscano, anterior ao Rexurdimento, resta credibilidade às críticas que sempre tenham caído sobre este movimento cultural por, supostamente, inventar para a Galiza um passado mítico de caráter celta com o objeto de a diferenciar doutras realidades nacionais.

Origem galega

Completando o relato de Jacobe de Castro, temos testemunhos escritos que afirmam a origem galega da Pedra e que procedem da própria Escócia. É o caso da *Crónica dos Escoceses*, de John Bellenden e escrita em 1531; ou da *Scalacronia* recopilada por Sir Thomas Grey durante a sua reclusom no Castelo de Edimburgo entre 1355 e 1363. Grey, recorrendo a um texto de finais do XIII, afirma que Symond Bret –filho do rei de Brigantium– transportou a rocha até à Irlanda, chegando esta mais tarde à Escócia. Pola sua banda, a *História dos Escoceses* escrita polo professor de Aberdeen Hector Boece em 1527, fala-nos dum

Gathelus grego, que casa no Egipto com Scota, filha do faraom. No momento do éxodo dos judeus, ambos os dous teriam fugido para a Galiza, fundando um reino em Brigantium. As referências multiplicam-se, oferecendo-nos muitas vezes nomes e circunstâncias muito similares, e nom afastando-se dum esquema que, com leves diferenças, costuma ser comum a todas.

Até aqui a parte mais obscura e lendária da história da nossa Pedra. No que diz respeito à mais facilmente rastejável – esta sim, mais afastada do nosso país –, nom é menos sobressaltada. Como símbolo mágico e de poder, a Pedra de Scone foi cobiçada polo mais clássico inimigo da Escócia, isto é, a Inglaterra. No âmbito da guerra contra a França e da aliança escocesa com esta última, a Pedra foi sequestrada em 1296 polo rei Eduardo I da Inglaterra, *Martelo dos Escoceses*, ficando na Abadia de Westminster, sob o trono de coroaçom inglês, passando a se coroaçom sobre ela os reis da Inglaterra. A última coroaçom sobre a Pedra foi a da atual rainha Isabel II em 1953.

No dia de Natal de 1950, três estudantes nacionalistas escoceses subtraíam a Pedra da Abadia de Westminster, levando-a consigo para a Escócia. Poucos meses depois foi descoberta e instalada de novo sob o trono de coroaçom. Tivo que decorrer quase meio século, até o dia 3 de julho de 1996, para o primeiro-ministro britânico reconhecer a propriedade escocesa da rocha, que foi realocada no Castelo de Edimburgo no dia de Santo André daquele mesmo ano.



A FOTO

Sole Rei

No que vai deste ano, 864 trabalhadores do setor pesqueiro galego sofreram acidentes de distinta gravidade durante a sua jornada laboral, e cinco deles perderam a vida por esse motivo. O número representa uma descida de 8,47% relativamente ao mesmo período do ano anterior, que até outubro somou 944 sinistros laborais. Porém, a descida fica muito longe da registada noutros setores, que durante os três primeiros trimestres deste 2012 conseguiram diminuir quase em 26% a sinistralidade.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

ativo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

José Manuel Nunes Vilar é um ativista a prol da língua que quijo achegar textos de seu a este espaço de criação. Como fundo da revolução, uns versos épicos para acompanhar a greve. Lembrai que vós também podedes participar do *NOVAS DA GALIZA* enviando os vossos textos a literaria@novasgz.com.

Gigantes de Ferrol

Gigantes de Ferrol



por José Manuel Nunes

No velho Astano
a ponte das Pias sobre a ria,
a indústria do ferro
arrebite, soldadura,
acetileno, cerveja, parafusos,
guindaste, cabos e poleias,
metal com metal,
golpes de martelo.

No velho Astano,
desde os altos andaimes
contemplam-se
as chalanas
na pesca do calamar,
na soidade crepuscular
do mar de madrugada.

E torna-se hipnótico
o movimento pendular
d'arriba a baixo
das potas na auga
como saquinhas de té

que se mergulham
uma e outra vez.

2

O guindaste maiúsculo
que dá nome ao estaleiro
de ferro e mar
desloca-se d'adiante pra atrás
como um gigante homérico
que tudo o pode
agora que o seu rival
de Bazám já não está.

A ele chamavam-lhe Grandal,
titã entre titãs,
heráclito entre heráclitos
e grande como os seus braços,
e o seu lombo e o seu peito;
era o seu coração de proletário.

Pois as suas palavras
falavam de humildade e paz
e o seu martelo feito à medida
como o fardo de sastre,
falava de entrega à Pátira,
ao trabalho.

Mas um dia
a suja faca dum velhaco
por um misto
de inveja e fósforo
segou-lhe a vida
mas não antes de ajustiçar
com as suas mãos
ao assassino mercenário.
Eis fica na nossa memória
o retrato do nosso herói galego
da nossa epopeia de proletário
desde o estaleiro de Ferrol Terra.





LÍNGUA NACIONAL

«No se puede»

Valentim Fagim

Recentemente abriu em Compostela um café-restaurant de grandes dimensões. Umha das salas tem um projetor e um ecrã enorme para ver documentários ilustrativos que temperem o nosso espírito e nos fagam conectar com o nosso autêntico ser... nom, nom, é para ver futebol.

Os donos do negócio sabem que é o espaço oferecido é umha vantagem competitiva e telefonam para Canal + a fim de con-

tratar o futebol de pagamento e, ao mesmo tempo, pedem um cartaz corporativo da empresa anunciando que no dado local se pode a ver a Liga. Pedem-no em galego e recebem por resposta três palavras.

A. P. O. é um cidadão galego cujo nome, Afonso, e segundo apelido, Outeiro, nom se corresponde com o que aparece no Bilhete de Identidade. Dedicou um tempo a recolher documentos de todo o tipo onde Alfonso Otero

deixa respirar o Afonso Outeiro, pega em duas testemunhas e vai até o registo civil da vila onde nasceu. Após a espera pertinente é atendido por um funcionário que, como aperitivo sem sal, lhe diz as mesmas três palavras.

As mudanças som difíceis. Somos animais costumeiros, mais parecidos às vezes com os ponteiros de um relógio, tiqui-taque, tiqui-taque... O primeiro passo para a mudança é imaginá-la. Antes de ter um filho, por exem-



plo, é preciso imaginá-lo, criar imagens em que coexistamos. Depois, podemos tomar umha decisom ou outra. A imaginaçom é a porta de saída do relógio.

O *No-se-puede* da empregada de Canal -, como também do funcionário do registo civil tem como ruído de fundo tiqui-taque, tiqui-taque, tiqui-taque...

CAMPA AUDIOVISUAL

Goitik Behera, Behetik Gora

Xurxo Chirro

Este é o título dum filme assinado pelo WeareQQ, grupo artístico composto pola vasca Usue Arrieta e o galego Vicente Vázquez. Esta dupla personalidade criativa é totalmente definitiva dos seus trabalhos, umha simbiose entre pressupostos da arte contemporânea e do cinema. Umha mistura que se foi conjuntando e depurando, com éxitos e fracassos, segundo vai transcorrendo a sua filmografia. Um acima e umha abaixo, umha procura vital e criativa que cristaliza na abordagem deste projeto.

A sua relação artística iniciou-se com um predomínio das derivas conceptuais da arte sobre a questão visual. Na sua coleção sobre *Ofícios preventivos* reparavam no artificioso das rotinas profissionais, a sua parafrenia e os objetos que os definem e todo isto com o contraponto do enquadramento num território. Um interesse polo performativo, polo acontecimento e pola documentação do facto. Fôrom conscientes das características de mediação da câmara e pouco a pouco inclinando-se pola indagação do processo comunicativo e da reflexão da imagem.



Com estes vimes afrontárom a realização de *Canedo* (2011). Um filme que, para quem escreve, nom é apenas a obra-mestra da sua filmografia, mas ocupa o topo do que se dá em chamar Novo Cinema Galego. Com os alicerces que levavam trabalhados, dêrom um giro de porca e incorporárom aspetos de diário, de memória pessoal e de reflexom sobre a identidade. *Canedo* (que vêm sendo umha vila próxima de

Ourense), é a origem de Vázquez, que reflexiona sobre a implicação com o território mediante o processo de transformação da tradição polo progresso sob a ótica dum humor mui galego.

Este filme nom teve muito percurso; a sua condição de média-metragem privou-a de melhor difusom. Foi seguida pola curta-metragem *La Huesera* (2011), umha tentativa falida de fixar umha mitologia barthesiana que

possui o ciclismo centrando-se numha etapa clássica da Volta Ciclista a Espanha que acabava nos Lagos de Covadonga. A fugacidade do evento, pola rapidez do sucesso e porque nesse ano tivêrom umhas condições de rodagem mui adversas jogou em contra do projeto. Mas esta ideia recolhe-se de novo em *Goitik Behera, Behetik Gora*, mas desta vez com mais fundura, trocando a espetacularidade da cenografia natural pola intensidade do olhar.

Esta curta-metragem é a materialização do projeto que ganhou o X Films 2011 do Festival Ponto de Vista. Mais umha vez manejárrom um alto grau de conceptualidade artística tentando abordar a contraposição de objetos que se se lançam para acima e objetos que se lança para baixo. Este ponto de partida tam indeterminado fai com que estudem práticas, englobadas no que podemos determinar hobbies, como o aeromodelismo e as "goitibeheras" (carrilanas).

Mas a espetacularidade das disciplinas é o de menos, dêrom-se conta da impossibilidade do contracampo, de abranger a durabilidade da anedota. Aqui deixam de lado o individualismo de Canedo para se centrar no

retrato coletivo que sustenta essa atividade. As faces integram-se na paisagem. O conjunto torna-se impressionista saltando dum lado para outro, com decisom. Nom há conduçom, nom há observador distante que impom o olhar, mas WeareQQ assumem participar das suas sensaçoms.

Porque ao final nom trata sobre as devanditas atividades desportivas mas do que provoca tanto em quem a pratica como a que a contempla como público.

O salto qualitativo em *Goitik Behera, Behetik Gora* vem dumha maior materialização visual que referenda a ideia do projeto. Este filme transmite maior dose de segurança, filmárom sem medo, sem vacilaçoms e mesmo som capazes de fazer próprio do discurso cheio de focalizaçoms e teóricas desfocalizaçoms. Estas imprecisions som parte da evidência do vazío, aonde sobem as maquetas de avions e onde se arrojam as carrilanas e, por que nom, também se fam filmes. Todo isto fai com que o objeto se chegue dumha maneira mais direta, dando-se conta de que a sua mediação consiste em estabelecer a realidade do mecanismo que envolve a sua aproximação artística.